



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

# MASSAS

Órgão do Partido Operário Revolucionário  
Membro do Comitê de Enlace pela  
Reconstrução da IV Internacional  
☎ (11)95446-2020 - @massas.por  
#28/2025 - 5 de agosto - pormassas.org



## **Declaração do Partido Operário Revolucionário (POR)**

**SOMENTE UMA REPÚBLICA SOCIALISTA DA PALESTINA PORÁ FIM À  
OPRESSÃO SOBRE O POVO PALESTINO**

**PELO FIM IMEDIATO DA INTERVENÇÃO MILITAR NA FAIXA DE GAZA!**

**NÃO AO GENOCÍDIO DOS PALESTINOS!**

**COMBATER A ANEXAÇÃO PELO ESTADO SIONISTA DE ISRAEL DO QUE  
RESTA DO TERRITÓRIO AO POVO PALESTINO!**

**RECHAÇAR A FARSA DOS DOIS ESTADOS MONTADA PELAS POTÊNCIAS  
IMPERIALISTAS!**

**ENFRENTAR A CAPITULAÇÃO DA FEUDAL-BURGUESIA ÁRABE E DE  
SEUS GOVERNOS!**

**ERGUER EM TODO O ORIENTE MÉDIO A FRENTE ÚNICA ANTI-  
IMPERIALISTA, PARA COMBATER A DOMINAÇÃO DOS ESTADOS  
UNIDOS E DOS SEUS ALIADOS!**

A utilização do cerco econômico e a imposição da fome como armas de guerra não é nova. Os palestinos foram empurrados pela força das armas e dos massacres a subsistirem na Faixa de Gaza e na Cisjordânia. Esse foi o caminho estabelecido pelo movimento sionista e pela criação do Estado de Israel pelas mãos do imperialismo norte-americano, vencedor da Segunda Guerra Mundial.

Os israelitas somente puderam vencer as guerras contra a resistência dos palestinos e dos povos árabes munidos das armas e das finanças das potências. A cada vitória da burguesia sionista, ficava patente que Israel iria se expandir por todo o território historicamente habitado pela maioria palestina. A cada parte do território ocupado, se evidenciava a importância estratégica do Estado Sionista para a dominação norte-americana no Oriente Médio, que se projetou a partir das décadas de 1950 e 1960.

À medida que o nacionalismo árabe declinava e cedia ao avanço das forças econômicas e militares dos Estados Unidos e aliados europeus, mais se potenciava o seu intervencionismo militar. A guerra do Golfo e a guerra do Iraque marcaram a fundo a dominação norte-americana no Oriente Médio pela via dos bombardeios e pela ocupação militar. É sobre essa base que o Estado Sionista se fortaleceu e se tornou um fator de grande importância para a expansão da intervenção na Faixa de Gaza em guerra no Oriente Médio.

Os ataques israelense-norte-americanos às usinas atômicas do Irã não esgotaram os perigos de uma conflagração em toda a região. Mas, certamente, indicaram o enfraquecimento das forças nacionalistas que amparam os palestinos da Faixa de Gaza e dificultaram o avanço da colonização da Cisjordânia.

A feudal-burguesia árabe se adaptou profundamente à militarização norte-americana do Oriente Médio e acomodou os seus interesses econômicos aos desígnios dos Estados Unidos. É o que mostra o Acordo de Abrahão, interrompido pela eclosão da catastrófica intervenção das Forças de Defesa de Israel na Faixa de Gaza e seus ataques ao Líbano, Síria, Iêmen e Irã, logo após a operação militar do Hamas em Israel, em 7 de outubro de 2023.

A matança e destruição de grande parte da Faixa de Gaza foram longe demais para a burguesia sionista, o governo de Netanyahu e os Estados Unidos recuarem no processo de anexação. O problema, no entanto, está em que o terror da fome desfechado contra a população da Faixa de Gaza ampliou o terror da carnificina, que vem se acumulando e avançando para o número de setenta mil mortos, que vão sendo contabilizados dia a dia, cuja maioria é de civis, mulheres, crianças e velhos.

Os governos europeus se ressentem do clamor das populações inglesa, alemã, francesa, espanhola etc. que estão cada vez mais assombradas com a barbárie instalada na Faixa de Gaza. Os apoios da burguesia

européia ao Estado sionista e aprovação da política sanguinária de Trump em relação ao povo palestino chegaram ao limite de ser responsabilizada pelo genocídio. O alinhamento da França, Alemanha e Reino Unido em torno ao cínico reconhecimento de um Estado palestino não alterou a disposição dos Estados Unidos continuarem com a saga macabra de Israel.

A Liga Árabe, representando 22 países-membros, assumiu o papel de promotora do imperialismo europeu. Na Conferência da ONU, realizada em Nova York, os governos árabes condenaram o Hamas, exigiram que depusesse as armas e libertasse os reféns. Eis a infame declaração: “No contexto do fim da guerra, o Hamas deve encerrar seu domínio em Gaza, e entregar as armas à Autoridade Palestina, com envolvimento e apoio internacional, em consonância com os objetivos de um Estado palestino soberano e independente”. Os 27 países da União Europeia e outros países como o Brasil assinaram esse ultimato de rendição do Hamas e sua extinção como força governante.

A maioria dos países há muito se posicionou a favor de um Estado palestino. A decisão da ONU em criar o Estado de Israel previa a divisão da Palestina e a existência de um Estado palestino. Depois das duas guerras de Israel como países árabes, se chegou ao acordo de Oslo. A OLP depôs as armas e reconheceu o Estado de Israel. O Estado palestino não foi criado. A Cisjordânia passou a ser governada pela Autoridade Palestina, abençoada pelo capital europeu e acosada pela colonização sionista. As revoltas populares, as intifadas, foram esmagadas. Israel cercou a Faixa de Gaza e passou a sufocar sua vida econômica e social.

O dia 7 de outubro de 2023 representou a explosão da panela de pressão. E a intervenção de Israel consubstanciou a tendência histórica de anexação do território da Palestina pelo Estado sionista, desde a sua implantação e sua confirmação como enclave dos Estados Unidos no Oriente Médio.

Porta-vozes do imperialismo norte-americano, que não comungam com a política de Trump, igualam o governo ultradireitista de Netanyahu e o Hamas, para culpar os dois opositores. Advogam mudar o governo em Israel e castrar o Hamas, de forma que assim se ergueria um Estado palestino. Não dizem que o responsável dos responsáveis pela guerra são os Estados Unidos. São os responsáveis pelo expansionismo sionista. São os responsáveis pela força políti-

ca alcançada pela ala sionista mais ortodoxa e fascista no interior do Estado de Israel.

O Hamas sofreu uma retaliação militar que o impossibilitou de provocar duros reveses às forças sionistas. Foi isolado das forças de apoio. Mas não se rendeu. O que explica tamanha consistência é o sacrifício dos palestinos da Faixa de Gaza em não entregar seu exíguo território. Nem a carnificina diária, nem a fome coletiva quebrou a força existencial de um povo que, desde 1948, se defende contra o sionismo colonialista, posto a serviço das potências imperialistas, que passaram a dominar o Oriente Médio desde a Primeira Guerra Mundial.

Israel e os Estados Unidos quebraram o primeiro acordo de cessar-fogo e assim mostraram que a obstinação em liquidar fisicamente o Hamas e anexar a Faixa de Gaza corresponde à necessidade do imperialismo norte-americano de se impor em larga escala no Oriente Médio. Não haverá um “Estado palestino soberano e independente”, como promete a declaração da Liga Árabe e da União Europeia.

Os palestinos desarmados e famintos não poderão suportar indefinidamente o sacrifício. A Liga Árabe conta com a conivência da Autoridade Palestina, que, por sua vez, conta com o amparo do imperialismo europeu, para impor suas condições de rendição. Os palestinos da Faixa de Gaza e da parcela revoltada da Cisjordânia têm alimentado sua esperança de retirada de Israel devido ao apoio mundial das massas oprimidas. Mesmo em Israel, cresce a condenação ao genocídio.

A resposta à farsa dos dois Estados está em potencializar a luta de classe mundial contra a dominação imperialista. A vanguarda que luta contra o genocídio e pela autodeterminação do povo palestino tem a seu favor os acontecimentos históricos que comprovam a tese de que a unidade entre os povos oprimidos será alcançada pela via da revolução social. A catástrofe dos palestinos não tem sido em vão. Prepara o caminho da luta por uma República Socialista da Palestina, como parte do programa que estabelece o objetivo histórico de alcançar os Estados Unidos Socialistas do Oriente Médio.

***Viva a luta heroica do povo palestino!***

***Unir os explorados na frente única anti-imperialista!***

***Derrotar e expulsar as forças do imperialismo do Oriente Médio!***

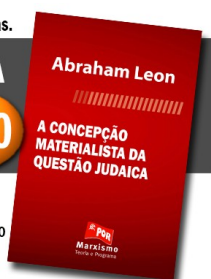
**LANÇAMENTO!** Adquirir já com o distribuidor do Massas.

## A CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA QUESTÃO JUDAICA

Abraham Leon

R\$ 30

Um estudo profundo da história de opressão sofrida pelos judeus. O caráter programático da obra do judeu Abraham se verifica no fracasso histórico do sionismo, da luta palestina, da decomposição capitalista e da necessidade dos explorados retomarem o curso das revoluções socialistas, proletárias e internacionalistas.



**LANÇAMENTO!**

## PALESTINA

GUERRA NA FAIXA DE GAZA E GENOCÍDIO DO POVO PALESTINO

Posição e resposta do internacionalismo proletário

R\$ 40

PALESTINA  
GUERRA NA FAIXA DE GAZA E  
GENOCÍDIO DO POVO PALESTINO  
POSIÇÃO E RESPOSTA DO  
INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

Somente a classe operária e os demais trabalhadores, organizados, unidos e em luta podem derrotar o Estado sionista de Israel, os Estados Unidos e aliados.

Adquirir já com o distribuidor do Jornal Massas.

